



Resultado e experiência: leituras aspectuais a partir do ordenamento VP-advérbio "já" no português brasileiro

Result and experience: aspectual readings from the VP-“já” adverb ordering in Brazilian Portuguese

DOI: 10.20396/lil.v25i50.8671076

Amanda Alevato de Sant’Anna¹
UFRJ

Adriana Leitão Martins²
UFRJ

Jean Carlos da Silva Gomes³
UFRJ / UNIFA

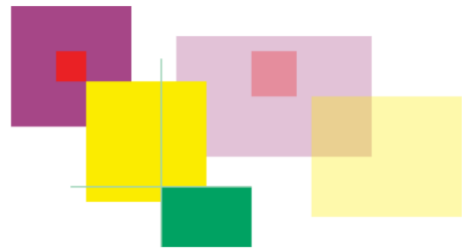
Resumo

O perfect refere-se a um intervalo que relaciona dois pontos no tempo, podendo dividir-se em universal, resultativo (PRes) e experiencial (PEX) (PANCHEVA, 2003). Segundo Nespoli (2018), existem advérbios/expressões adverbiais específicos do perfect, sendo o “já” um advérbio veiculador de PRes e PEx. Buscou-se verificar as leituras de perfect associado ao presente – PRes ou PEx – que emergem a partir do ordenamento do sintagma verbal em relação ao advérbio “já” no português brasileiro (PB). Metodologicamente, aplicou-se um teste de leitura. Os resultados indicaram que os ordenamentos VP + “já” e “já” + VP licenciam as leituras de resultatividade e experiência. Assim, o ordenamento VP-advérbio em PB não se mostrou um fator relevante na determinação dos valores de PRes e PEx. Discutiu-se que o determinante que introduz o DP complemento verbal parece contribuir na

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Mestranda em Linguística, com bolsa CAPES e Licenciada em Letras: Português – Latim, e-mail: a.santanna@letras.ufrj.br.

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Doutora em Linguística e Professora Associada do Departamento de Linguística e Filologia, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras, e-mail: adrianaleitao@letras.ufrj.br.

3 Universidade da Força Aérea, UNIFA / Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Mestre e Doutorando em Linguística, Professor de Magistério Superior em Língua Espanhola, e-mail: gomes.jean@letras.ufrj.br.



determinação desses valores, sendo as sentenças com determinantes definidos interpretadas principalmente como veiculadoras de PRes e, com indefinidos, de PEx.

Palavras-chave: aspecto perfect, perfect resultativo, perfect experiencial, ordenamento VP-advérbio, português brasileiro.

Abstract

Perfect refers to an interval which relates two points in time, and can be divided in universal, resultative (ResP) and experiential (ExP) (PANCHEVA, 2003). According to Nespoli (2018), there are specific adverbs/adverbials that convey perfect, being “já” (‘already’) an adverb that can convey ResP and ExP. This paper aimed to verify the readings of perfect associated to the present – ResP or ExP – that emerge through the ordering of the verb phrase in relation to “já” in Brazilian Portuguese (BP). Methodologically, a reading test was applied. The results indicated that VP + “já” and “já” + VP orderings license resultative and experiential readings. Thus, VP-adverb ordering in BP was not a relevant factor in determining ResP and ExP values. We discussed the role of the determinant which introduces the DP verb complement in the entailment of these values, being sentences with definite determinants interpreted mainly as conveying ResP and, with indefinite determinants, ExP.

Keywords: perfect aspect, resultative perfect, existential perfect, VP-adverb ordering, Brazilian Portuguese.

Introdução

Segundo Pancheva (2003), o aspecto *perfect*⁴ diz respeito a um intervalo de tempo, conhecido como *perfect time span* (PTS), no qual o momento do evento está relacionado ao momento de referência. De acordo com Comrie (1976), o *perfect* pode ser associado aos tempos presente, sobre o qual recai o foco desta pesquisa, passado e futuro. Tal aspecto pode ser dividido, segundo McCawley (1981), em *perfect* universal (PU) e *perfect* existencial (PE), sendo este último o objeto linguístico deste estudo.

O PE associado ao presente refere-se a uma situação que terminou no passado e que possui seus efeitos relevantes no presente, como em “João já viajou para a França”. Pancheva (2003) propõe que esse tipo de *perfect* seja subdividido em *perfect* experiencial (PEx) e *perfect*

4 Optamos por manter o termo *perfect* em inglês para que se evitem possíveis equívocos na interpretação da tradução desse termo ao português, “perfeito”, tendo em vista que este designa, de acordo com as gramáticas dessa língua, o valor aspectual de perfectivo, o qual se diferencia do valor aspectual de *perfect* tratado neste trabalho. Tal postura tem sido adotada em diversos estudos dessa área de investigação, tais como Nespoli (2018), Martins, Rodrigues e Abreu (2021), entre outros.



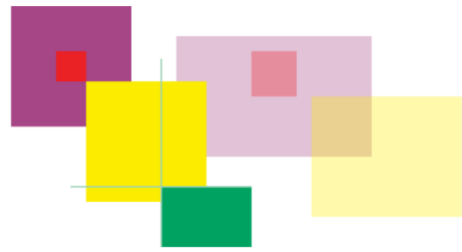
resultativo (PRes). O PEx associado ao presente é caracterizado pela manutenção da eventualidade subjacente em um subconjunto do intervalo de tempo, estendendo-se para trás desde o momento da enunciação. Em outras palavras, uma dada situação pode ter sido verificada durante algum tempo no passado e configurar-se como uma experiência no presente, como em “Maria já teve uma casa na árvore”. No PRes, por sua vez, o resultado da eventualidade subjacente mantém-se no momento de enunciação. Em outras palavras, um estado presente pode referir-se ao resultado de uma situação passada, como em “Pedro já fez a comida”.

Nespoli (2018), ao analisar as realizações morfossintáticas do PU e do PE em línguas românicas como o português (brasileiro e europeu), o francês, o espanhol e o italiano, elencou uma série de advérbios e expressões adverbiais veiculadores dos dois tipos de *perfect*. Dentre eles, vale destacar o advérbio “já”, classificado por Nespoli (2018) como veiculador de PE. Para essa autora, esse advérbio contribui para o estabelecimento do *perfect time span*, doravante PTS (cf. seção 1). Assim, em uma sentença como “João já viajou para a França”, o verbo no pretérito perfeito indica que a sentença ocorreu no passado, delimitando o primeiro ponto do intervalo de *perfect*, e o advérbio ressalta a relevância da situação no presente, delimitando o segundo ponto desse intervalo.

Tendo em vista evidências na literatura de que determinados advérbios podem contribuir para a veiculação de informações aspectuais específicas e que verbos ou sintagmas verbais podem eventualmente mover-se nas línguas, aparecendo à esquerda ou à direita desses advérbios (CINQUE, 1999), especulamos se o ordenamento do VP em relação ao advérbio “já”, considerado veiculador de PE, seria um fator diferenciador das interpretações de resultatividade e experientiação no PB.

Assim, o objetivo geral deste estudo é contribuir para a caracterização do aspecto *perfect*. Especificamente, intenciona-se contribuir para a identificação dos valores de PE em sentenças do português brasileiro (PB). Para tanto, busca-se verificar as leituras de PE associado ao presente, PRes ou PEx, que emergem a partir do ordenamento do VP em relação ao advérbio “já” no PB. Dessa forma, as hipóteses deste trabalho, motivadas por dados do PB analisados em Sant’Anna, Martins e Gomes (2019)⁵, são: (i) o ordenamento VP + advérbio “já” no PB faz emergir exclusivamente a leitura de PRes e (ii) o ordenamento

5 Este estudo e os resultados nele obtidos serão descritos na seção 1 do artigo.



advérbio “já” + VP no PB faz emergir as leituras de PRes e PEx⁶. A fim de verificar tais hipóteses, um teste de leitura foi desenvolvido e aplicado a 100 falantes nativos do PB.

1. Fundamentação Teórica

O aspecto *perfect* é considerado um tipo de aspecto gramatical por poder ser codificado por elementos com função gramatical na sentença, como a morfologia verbal, advérbios e expressões adverbiais (COMRIE, 1976; NESPOLI, 2018). Esse aspecto possibilita que se relacione dois pontos na linha do tempo. Mais precisamente, o *perfect* remete a um intervalo de tempo, conhecido como *perfect time span* (PTS), em que se relaciona o momento do evento ao momento de referência (PANCHEVA, 2003). A imagem 1, a seguir, ilustra um exemplo do intervalo PTS, referente à sentença “Ana já foi ao *Rock in Rio*”.

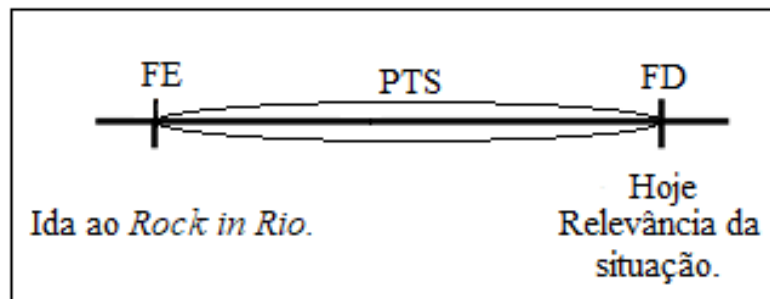


Imagem 1- Representação do intervalo PTS com combinação do *perfect* com tempo presente. Fonte: Elaborado pelos autores.

Na figura 1, observamos a representação do PTS, delimitado por uma fronteira à esquerda (FE), indicando o momento do evento – ida ao *Rock in Rio* – e por uma fronteira à direita (FD), indicando o momento de referência – relevância no presente da ida ao *Rock in Rio*.

No que se refere às classificações do *perfect*, a literatura não se mostra consensual. Por isso, apresentamos, a seguir, duas propostas de classificação desse aspecto: a primeira,

⁶ A nomenclatura “VP” utilizada neste artigo refere-se ao bloco formado por verbo e seu argumento interno. Desse modo, uma sentença como “Maria já comeu a maçã” equivale ao ordenamento advérbio “já” + VP, enquanto uma sentença como “Maria comeu a maçã já”, ao ordenamento VP + advérbio “já”.



baseada em McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), em que se divide o *perfect* em dois tipos; e a segunda, baseada em Pancheva (2003), em que se divide o *perfect* em três tipos.

Segundo a classificação de McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), o *perfect* pode ser dividido em dois tipos: (i) *perfect* universal (PU) e (ii) *perfect* existencial (PE).

O PU associado ao presente é descrito por esses autores como uma situação que se mantém em um intervalo, tendo iniciado em um ponto no passado e persistindo até o presente, como demonstra o exemplo em (5), extraído de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 155).

(5) *I have been sick since 1990.*

'Eu estou doente desde 1990.'

No exemplo em (5), vemos que a situação de estar doente começou no ano de 1990 e se estende até o presente, o que configura um intervalo de tempo.

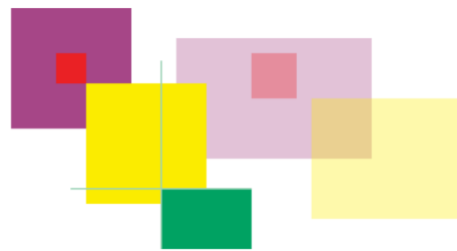
O PE associado ao presente, por outro lado, é descrito pelos autores como uma situação que foi iniciada e finalizada no passado, mas seus efeitos ainda permanecem no presente, como visualizado no exemplo em (6), extraído de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 155).

(6) *I have lost my glasses.*

'Eu perdi meus óculos.'

No exemplo em (6), vemos que a situação de perder os óculos terminou em algum ponto no passado, mas que sua relevância ainda é percebida no momento presente, configurando PE.

Para além dessa classificação, há também a proposta de Pancheva (2003), que divide o *perfect* em três tipos: PU, PEx e PRes. O PU associado ao presente é definido como um evento cuja eventualidade subjacente se mantém durante um intervalo de tempo, delimitado pelo tempo da enunciação e certo tempo no passado, como mostra o exemplo em (7), extraído de Pancheva (2003, p. 277). Nesse exemplo, vemos que Alexandra começou a viver em LA no ano 2000 e permanece lá até o momento da enunciação.



(7) *Since 2000, Alexandra has lived in LA.*

‘Desde 2000, Alexandra vive em LA.’

O PEx associado ao presente, por sua vez, refere-se à eventualidade subjacente que se mantém em um subconjunto adequado de um intervalo, estendendo-se para trás a partir do momento da enunciação. Sobre esse tipo de perfect associado ao presente, Comrie (1976) ressalta que esse indica que uma situação foi realizada pelo menos uma vez no passado e se caracteriza como uma experiência no presente. No exemplo em (8), extraído de Pancheva (2003, p. 277), percebemos que Alexandra esteve em LA pelo menos uma vez em algum momento no passado e isso configura uma experiência no momento da enunciação.

(8) *Alexandra has been in LA (before).*

‘Alexandra já esteve em LA (antes)’.

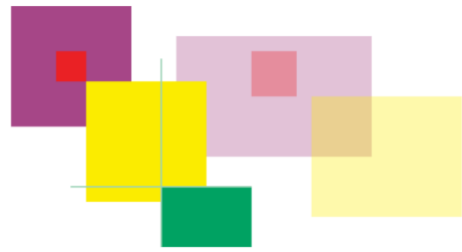
O PRes associado ao presente, segundo Pancheva (2003), assemelha-se ao PEx, com o significado adicional de que o resultado da eventualidade subjacente se mantém no momento da enunciação. Sobre esse tipo de *perfect* associado ao presente, Comrie (1976) ressalta que esse diz respeito ao resultado no presente de um evento ocorrido no passado. No exemplo em (9), extraído de Pancheva (2003, p. 277), estar em LA é o resultado de chegar em LA, ou seja, o evento de chegar em LA inicia-se e termina em um momento do tempo passado e a estada em LA configura o resultado no momento da enunciação.

(9) *Alexandra has (just) arrived in LA.*

‘Alexandra acabou de chegar em LA.’

Além disso, Pancheva (2003) ressalta a semelhança entre o PRes e o PEx e enquadra ambos como subtipos do PE. Em outras palavras, a autora não invalida a proposta de divisão do *perfect* em dois tipos, ou seja, em PU e PE, mas entende que o PE pode ser ainda dividido em resultativo e experiencial, sustentando que há uma diferença semântica entre esses subtipos. Sendo assim, é pertinente investigar quais fatores sintáticos podem contribuir para a veiculação do significado de sentenças enquanto expressões de PRes ou de PEx.

No PB, o PE associado ao presente pode ser realizado morfossintaticamente pelo pretérito perfeito + advérbio/expressão adverbial que garanta a veiculação desse aspecto, pela perífrase formada por “acabar de” no pretérito perfeito + verbo no infinitivo e pelo verbo



“estar” no presente simples + predicativo do sujeito⁷, como demonstram, respectivamente, os exemplos em (10), (11) e (12), extraídos de Matos (2017, p. 24-25).

(10) Eu **já perdi** bebê.

(11) Mas pensa naquela amiga/amigo que **acabou de conseguir** seu próprio espacinho, ama hip-hop e adora coisinhas pra decorar.

(12) Você **tá** com o cabelo muito bem **cortado**.

Embora Matos (2017) não trabalhe com uma classificação do *perfect* em três tipos, é possível reanalisar os exemplos acima à luz da divisão exposta por Pancheva (2003). Assim, destacamos que as formas verbais de “acabar de” no pretérito perfeito + verbo no infinitivo e “estar” no presente simples + predicativo do sujeito, respectivamente ilustradas em (11) e (12), veiculam apenas o PRes. Em ambos os casos, o que parece ser mais saliente nos eventos é o resultado no presente de uma situação concluída no passado.

O exemplo em (10), com a morfologia de pretérito perfeito, veicula PEx porque o que parece ser mais saliente no evento é a experiência presente resultante de uma situação ocorrida pelo menos uma vez no passado. Porém, essa forma também está a serviço do PRes (RODRIGUES; MARTINS, 2019; GOMES; MARTINS; RODRIGUES, 2021), como no exemplo em (13), apresentado a seguir, em que se entende que Luise começou e terminou a feitura do bolo em um momento no passado e os efeitos desse evento configuram um resultado no momento presente, ou seja, o bolo está pronto.

(13) Luise **já assou** o bolo que encomendei.

Além disso, segundo Nespoli (2018), há advérbios e expressões adverbiais que contribuem para a veiculação de PE, como “ainda não”, “nunca” e “já”. Neste trabalho, centramo-nos no advérbio “já”, analisando sentenças como a exposta em (13), uma vez que é o mais prototípico para a expressão do PE, segundo Nespoli (2018). Essa autora destaca ainda que, em sentenças veiculadoras de PE associado ao presente, o advérbio “já” marca a

7 O PE associado ao presente é veiculado pela forma verbal de “estar” no presente simples + predicativo do sujeito quando este predicativo for formado por um participio do verbo. Rebouças (2021) atesta que, no intervalo PTS, enquanto o adjetivo formado pelo participio estabelece a fronteira que está no passado, o verbo conjugado no presente estabelece a fronteira que está neste tempo.



fronteira à direita do intervalo PTS enquanto o verbo conjugado no pretérito perfeito marca a fronteira à esquerda.

A partir do exposto no parágrafo acima e da análise dos exemplos (10) e (13), observamos que o advérbio “já” mostra-se a serviço tanto do PRes quanto do PEx (GOMES; MARTINS; RODRIGUES, 2021). Dessa forma, esse advérbio, unicamente, não nos permite diferenciar as duas possíveis leituras de PE. Quanto a propostas de diferenciação na interpretação de uma sentença de PE como veiculadora de PRes ou de PEx, Pancheva (2003) ressalta que, em situações atélicas, apenas a leitura de experiência pode emergir, ao passo que, em situações télicas, tanto a leitura de resultatividade quanto de experiência podem surgir⁸.

Nessa proposta, a identificação do subtipo de PE é feita facilmente em situações atélicas, tendo em vista que, nestas, apenas a leitura de experiência pode emergir. Por outro lado, a identificação do subtipo de PE torna-se nebulosa em situações télicas, uma vez que, nestas, tanto a leitura de experiência quanto a de resultatividade podem emergir. Em outras palavras, a telicidade, que, segundo Pancheva (2003), poderia ser um critério de distinção entre os valores de resultatividade e experiência, parece não ser uma ferramenta suficiente para diferenciar os dois subtipos de PE.

Assim, a fim de buscar identificar outros parâmetros de diferenciação entre PRes e PEx, foi realizada uma reanálise dos dados de Sant’Anna, Martins e Gomes (2019), estudo no qual se buscou investigar o ordenamento dos advérbios “ainda” e “já” com relação aos verbos na expressão, respectivamente, de PU e PE no PB. Os autores analisaram dados de fala espontânea extraídos do corpus do Grupo de Estudos Discurso e Gramática e aplicaram um teste de ordenamento de sentenças. No que dizia respeito a PE, não buscaram diferenciar PRes e PEx. Dessa forma, a reanálise dos dados apresentada no próximo parágrafo restringe-se aos dados de PE, com vistas a verificar se há alguma diferenciação a partir dos subtipos descritos por Pancheva (2003) resultante da ordem do VP em relação ao advérbio “já”⁹.

8 Segundo Comrie (1976), a telicidade é uma propriedade de eventos que possuem um ponto final inerente linguisticamente. Dessa forma, uma sentença como “Ana comeu a maçã” é télica, já que é possível visualizar, linguisticamente, que a maçã de Ana foi completamente comida.

9 O verbo finito no PB não se move para além do advérbio “já” (SILVA, 2001; TESCARI NETO, 2013), de modo que são malformadas nessa língua sentenças como “*Maria comeu já uma maçã”. Nesse sentido, concordamos com o parecerista anônimo deste artigo – a quem gentilmente agradecemos – que, em sentenças com o



Na reanálise do *corpus*, no que se refere à ordem advérbio “já” + VP, foram encontradas duas ocorrências veiculando a leitura de experiência, como mostra o exemplo em (14), e quatro ocorrências veiculando a leitura de resultatividade, como mostra o exemplo em (15). No que se refere à ordem VP + advérbio “já”, por sua vez, foi encontrada apenas uma ocorrência veiculando a leitura de resultatividade, exemplificada em (16), mas não foi encontrada nenhuma ocorrência dessa ordem veiculando a leitura de experiência.

(14) Essa semana eu **já** encontrei ele na academia.

(15) Tem um amigo meu que puxa a carta que **já** saiu e joga de novo.

(16) Normalmente a dupla adversária não percebe... no final do jogo esqueceu já.

Na reanálise dos dados obtidos por meio da aplicação do teste de ordenamento de sentenças, em relação à ordem advérbio “já” + VP, identificada em 262 sentenças, foi observado que 48,9% das ocorrências veiculavam a leitura de experiência, como ilustra o exemplo em (17), enquanto 51,1% das ocorrências veiculavam a leitura de resultatividade, como mostra o exemplo em (18). Já em relação à ordem VP + advérbio “já”, identificada em apenas duas sentenças, verificou-se que em ambas havia a veiculação da leitura de resultatividade, como demonstra o exemplo em (19).

(17) Cristina **já** visitou a Europa.

(18) Fábio **já** elaborou o cronograma.

(19) Marcos recebeu o convite já.

Conclui-se que a reanálise dos dados obtidos por Sant’Anna, Martins e Gomes (2019) indicou que o ordenamento advérbio “já” + VP promovia a veiculação da leitura tanto de resultatividade quanto de experiência, enquanto o ordenamento VP + advérbio “já” promovia

ordenamento VP + advérbio “já”, tal advérbio encontra-se focalizado, de modo que o verbo não se move por sobre o advérbio “já”, mas é o advérbio “já” que se move para a posição de especificador de FocP, na periferia esquerda da sentença, e há movimento do remanescente (neste caso, o VP), para, possivelmente, TopP, localizado acima do advérbio “já” focalizado. Dessa forma, no teste de leitura elaborado para este estudo, mais especificamente no que se refere às sentenças com “já” pós-verbal, este é sempre sentencial final, ou seja, elaboraram-se apenas sentenças formadas pelo ordenamento verbo + complemento do verbo + advérbio “já”, a qual fazemos referência neste artigo como VP + advérbio “já”.



a veiculação da leitura exclusivamente de resultatividade. Vale destacar que havia apenas uma ocorrência do ordenamento VP + advérbio “já” na fala espontânea e apenas duas no teste. Desse modo, questionamos se a correlação observada entre tal ordenamento e a leitura de resultatividade é decorrente da estrutura linguística ou de uma eventualidade observada devido ao baixo número de ocorrências.

Assim, a fim de investigar se o ordenamento de VPs em relação ao advérbio “já” é, de fato, uma ferramenta sintática legítima para estabelecer a diferenciação entre PRes e PEx no PB, delineou-se o objetivo específico deste estudo, em que se busca verificar as leituras de PE associado ao presente que emergem a partir de tal ordenamento nessa língua. Para tanto, cunharam-se as seguintes hipóteses, com base na reanálise dos dados de Sant’Anna, Martins e Gomes (2019) descrita nesta seção: (i) o ordenamento VP + advérbio “já” no PB faz emergir exclusivamente a leitura de PRes e (ii) o ordenamento advérbio “já” + VP no PB faz emergir as leituras de PRes e PEx.

2. Metodologia

Para compor a metodologia deste trabalho, foi elaborado e aplicado um teste de leitura a 100 participantes. No que tange ao perfil desses sujeitos, destaca-se que eram homens e mulheres, naturais do estado do Rio de Janeiro, com idade entre 19 e 63 anos e com nível superior de escolaridade, incluindo ensino superior completo ou incompleto.

O teste foi composto por duas listas que circularam entre participantes diferentes, tendo 50 respondido a lista A e 50, a lista B. Durante a realização da tarefa, os participantes liam a sentença e, abaixo, eram apresentados a três opções de leitura. A tarefa realizada por eles diferia-se a depender da lista que estavam preenchendo. Aqueles que recebiam a lista A deveriam marcar qual a opção melhor expressava o significado da sentença em questão enquanto aqueles que recebiam a lista B deveriam marcar todas as opções consideradas possíveis para a interpretação da sentença.

As listas continham 24 sentenças cada, sendo essas divididas entre 8 alvo e 16 distratoras. O objetivo do teste consistia em investigar a interpretação dada pelos participantes às sentenças com os ordenamentos advérbio “já” + VP e VP + advérbio “já”. Desse modo, as sentenças-alvo continham esses ordenamentos e opções de resposta que remetiam às leituras de resultatividade e de experiência.



Mais especificamente, as sentenças-alvo foram estruturadas da seguinte forma: havia quatro sentenças formadas por um sujeito animado e humano, o advérbio “já” antes de verbos de *accomplishment*¹⁰ e um complemento com determinante definido ou indefinido, como em “João já construiu a casa” e “Laura já vendeu um carro”, e quatro sentenças formadas por um sujeito animado e humano, o advérbio “já” sentencial-final depois de VPs formados por verbos de *accomplishment* e um complemento com determinante definido ou indefinido, como em “Maria passou a roupa já” e “José escreveu um artigo já”. Abaixo de cada sentença-alvo, os participantes encontravam três opções de leitura, como ilustrado em (20).

(20) João já construiu a casa.

- a. A casa está construída neste momento.
- b. João teve a experiência de construir a casa uma vez.
- c. A casa será construída hoje.

Em todas as sentenças-alvo, as opções de leitura caracterizavam-se pelos seguintes significados: uma interpretação que remetia ao valor de resultatividade, por exemplo na opção (a); outra, ao valor de experiência, por exemplo na opção (b); e outra a um significado não compatível com a sentença, por exemplo na opção (c). Logo, as duas primeiras tinham por objetivo verificar qual a leitura aspectual emergida, se PRes ou PEx, enquanto a última tinha por objetivo verificar a atenção dispensada pelo participante na realização da tarefa, sendo considerada uma opção de resposta distratora.

As sentenças distratoras foram estruturadas da seguinte maneira: metade contendo o advérbio “amanhã” e metade, o advérbio “agora”. Mais especificamente, oito sentenças distratoras continham um sujeito animado e humano, uma perífrase verbal formada por verbo auxiliar “ir” conjugado no presente + infinitivo do verbo principal, um complemento sem determinante e o advérbio “amanhã”. As oito sentenças distratoras restantes continham um sujeito animado e humano, um verbo conjugado no presente simples, um complemento sem determinante e o advérbio “agora”. Abaixo de cada sentença distratora, os participantes

¹⁰ Segundo Smith (1991), verbos de *accomplishment* descrevem situações dinâmicas, durativas e télicas. Optamos por utilizar verbos que descrevem situações télicas porque, como explicado na seção anterior, de acordo com Pancheva (2003), em situações atélicas, apenas a leitura de experiência pode emergir, enquanto, em situações télicas, tanto a leitura de resultatividade quanto de experiência podem aparecer. Logo, com base nesse postulado de Pancheva (2003), se estruturássemos o teste com verbos que descrevessem situações atélicas, a leitura de resultatividade não emergiria, o que impossibilitaria a realização da pesquisa.



encontravam três opções de leitura, sendo duas consideradas possíveis e uma considerada não possível, como ilustra o exemplo em (21).

(21) Millena vende agora maquiagem.

- a. A maquiagem está sendo vendida neste momento.
- b. Millena vendeu maquiagem ontem.
- c. Millena tem o hábito de vender maquiagem.

O quadro 1 abaixo apresenta as 8 sentenças-alvo e as 16 sentenças distratoras empregadas no teste de leitura.

Sentenças-alvo		Sentenças distratoras	
		futuro	presente
advérbio “já” + VP	João já construiu a casa.	Amanhã Daniel vai costurar uma calça.	Agora Joana conserta celulares.
	Ana já fez a comida.	Amanhã Raquel vai ouvir música.	Agora Vitor toma vitamina.
	Thiago já escalou uma montanha.	Carla amanhã vai cozinhar macarrão.	Thales agora assiste televisão.
	Laura já vendeu um carro.	Bianca amanhã vai encomendar blusas.	Igor agora estuda alemão.
VP + advérbio “já”	Maria passou a roupa já.	Arthur vai comprar amanhã cigarros.	Millena vende agora maquiagem.
	Pedro pagou a conta já.	Larissa vai experimentar amanhã o vestido.	Gabriela pinta agora unhas.
	José escreveu um artigo já.	Márcia vai passear de carro amanhã.	Lucas corta cabelo agora.
	Mariana bordou uma camisa já.	Mauro vai ensinar matemática amanhã.	Mônica canta samba agora.

Quadro 1: Sentenças-alvo e sentenças distratoras empregadas no teste de leitura.

As sentenças foram pseudorandomizadas. Dessa forma, os participantes visualizavam uma sentença-alvo a cada duas sentenças distratoras – uma no futuro e uma no presente. Além disso, a ordem das leituras dispostas abaixo de cada sentença, seja opção de resposta alvo ou distratora, variava ao longo do teste.



Quanto aos procedimentos, o teste foi aplicado por meio da plataforma *Google Forms*, e seu *link* foi divulgado nas redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. Antes da realização do teste propriamente dito, os participantes receberam instruções acerca da tarefa, do seu caráter voluntário e da possibilidade de interrupção do teste a qualquer momento. Depois da leitura dessas informações, os participantes que concordassem em participar do experimento deveriam assinalar uma caixa de texto, que equivalia a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, um questionário pessoal deveria ser respondido, com perguntas referentes ao local de nascimento e moradia, à idade, ao gênero, à profissão e ao grau de escolaridade dos participantes. Somente após o preenchimento dos dados, o participante iniciava a realização do teste.

3. Resultados

Nesta seção, são descritos os dados obtidos nas duas listas que compunham o teste separadamente. Inicialmente, são apresentados os resultados da lista A, em que os participantes receberam o comando de marcar a opção que melhor expressava o significado da sentença em questão, e, em seguida, os resultados da lista B, em que os participantes receberam o comando de marcar todas as leituras consideradas possíveis de interpretação. Quanto ao número total de marcações de respostas, a lista A obteve 400 marcações, sendo 200 para o ordenamento advérbio “já” + VP e 200 para o ordenamento VP + advérbio “já”, e a lista B, 510 marcações, sendo 254 para o ordenamento advérbio “já” + VP e 256 para o ordenamento VP + advérbio “já”¹¹.

Por meio da análise dos resultados da lista A, é possível perceber que, nas sentenças que possuíam o ordenamento advérbio “já” + VP, houve marcação das três opções fornecidas ao participante: a opção de resposta relacionada à leitura de experiência foi marcada em 118 casos (59%), à leitura de resultatividade, em 80 casos (40%), e à leitura distratora, em 2 casos (1%). Nas sentenças que possuíam o ordenamento VP + advérbio “já”, por sua vez, houve marcação das três opções fornecidas ao participante: a opção de resposta relacionada à

¹¹ Reitera-se que ambas as listas foram respondidas por 50 informantes e ambas continham quatro sentenças com cada um dos ordenamentos, o que gera o número exato de 200 respostas para cada ordenamento na lista A, em que os informantes só poderiam selecionar uma resposta por item, e mais de 200 respostas para cada ordenamento na lista B, em que os informantes poderiam selecionar uma ou mais respostas por item.



leitura de experiência foi marcada em 101 casos (50%), à leitura de resultatividade, em 97 casos (49%), e à leitura distratora, em 2 casos (1%). Os gráficos 1 e 2, a seguir, sistematizam tais resultados.

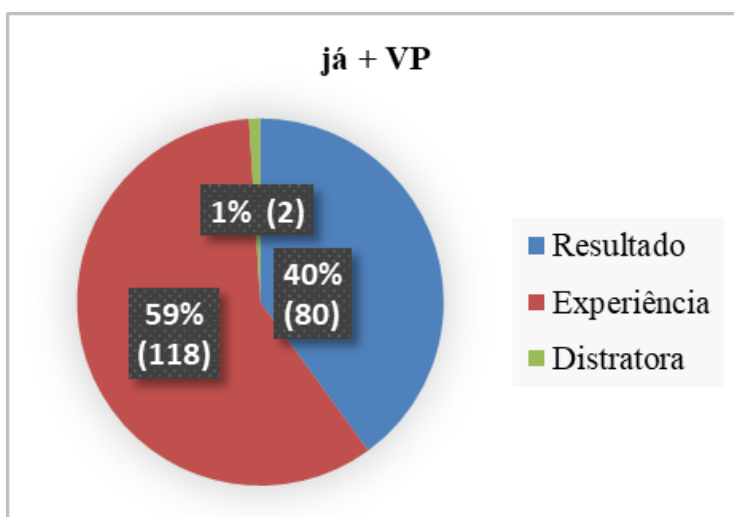


Gráfico 1: Resultados gerais do ordenamento “já” + VP na lista A.

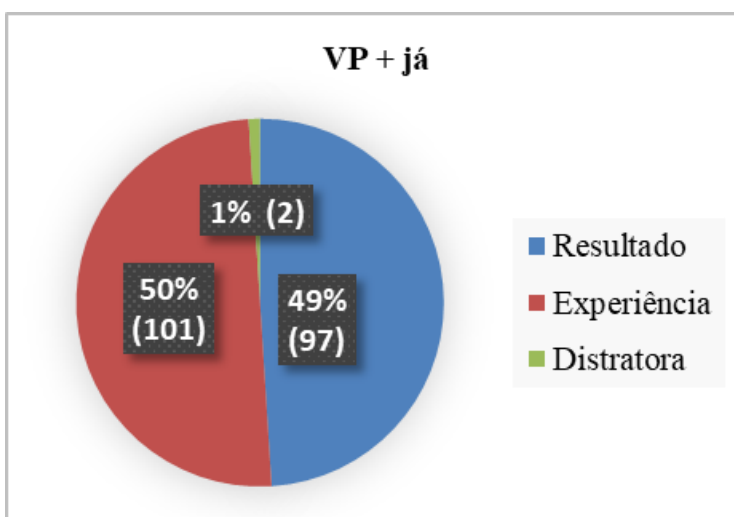


Gráfico 2: Resultados gerais do ordenamento VP + “já” na lista A.

Tendo em vista a distribuição dos resultados, em que há alta incidência de seleção de respostas relacionadas às leituras tanto de experiência quanto de resultatividade, buscamos verificar se haveria algum fator na formulação das sentenças que poderia ter interferido nesse desempenho. Dessa forma, optamos por analisar os resultados também verificando cada



sentença separadamente. Assim, verificamos aqui os resultados da lista A, observando o desempenho dos participantes em cada uma das sentenças utilizadas no teste. O quadro 2 sistematiza as análises das sentenças com o ordenamento advérbio “já” + VP.

Sentenças com o ordenamento “já” + VP	Marcação da leitura de resultatividade	Marcação da leitura de experiência	Marcação da leitura distratora
João já construiu a casa.	32 (64%)	18 (36%)	∅
Ana já fez a comida.	40 (80%)	10 (20%)	∅
Thiago já escalou uma montanha.	1 (2%)	48 (96%)	1 (2%)
Laura já vendeu um carro.	7 (14%)	42 (84%)	1 (2%)

Quadro 3: Análise das sentenças com o ordenamento advérbio “já” + VP na lista A.

Ainda em relação à análise detalhada dos resultados da lista A, o quadro 3 a seguir sistematiza o desempenho dos participantes em cada uma das sentenças com o ordenamento VP + advérbio “já”.

Sentenças com o ordenamento VP + “já”	Marcação da leitura de resultatividade	Marcação da leitura de experiência	Marcação da leitura distratora
Maria passou a roupa já.	30 (60%)	20 (40%)	∅
Pedro pagou a conta já.	41 (82%)	9 (18%)	∅
José escreveu um artigo já.	14 (28%)	36 (72%)	∅
Mariana bordou uma camisa já.	12 (24%)	36 (72%)	2 (4%)

Quadro 3: Análise das sentenças com o ordenamento VP + advérbio “já” na lista A.

Se analisarmos os resultados da lista B de maneira generalizada, é possível perceber que, nas sentenças que possuíam o ordenamento advérbio “já” + VP, houve marcação das três opções de resposta: a opção de resposta relacionada à leitura de experiência foi marcada



em 150 casos (59%), à leitura de resultatividade, em 97 casos (38%), e à leitura distratora, em 7 casos (3%). Ainda analisando os resultados dessa lista de forma mais geral, nas sentenças que possuíam o ordenamento VP + advérbio “já”, houve marcação das três opções de resposta: a opção de resposta relacionada à leitura de experiência foi marcada em 134 casos (52%), à leitura de resultatividade, em 117 casos (46%), e à leitura distratora, em 5 casos (2%). Os gráficos 3 e 4, a seguir, sistematizam tais resultados.

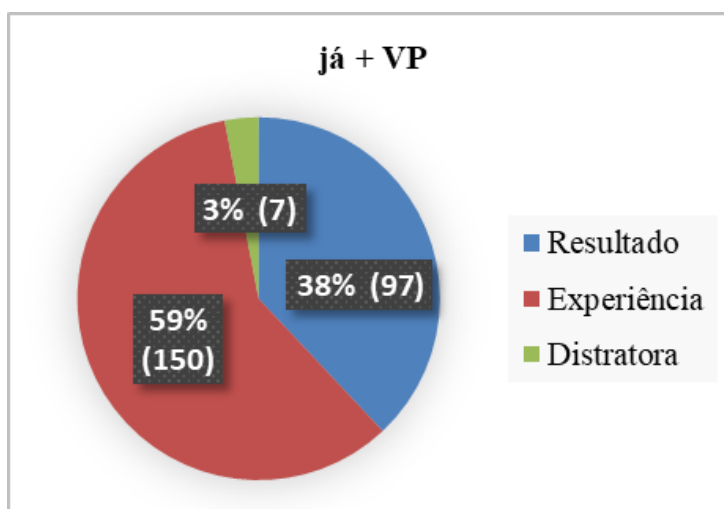


Gráfico 3: Resultados gerais do ordenamento “já” + VP na lista B.

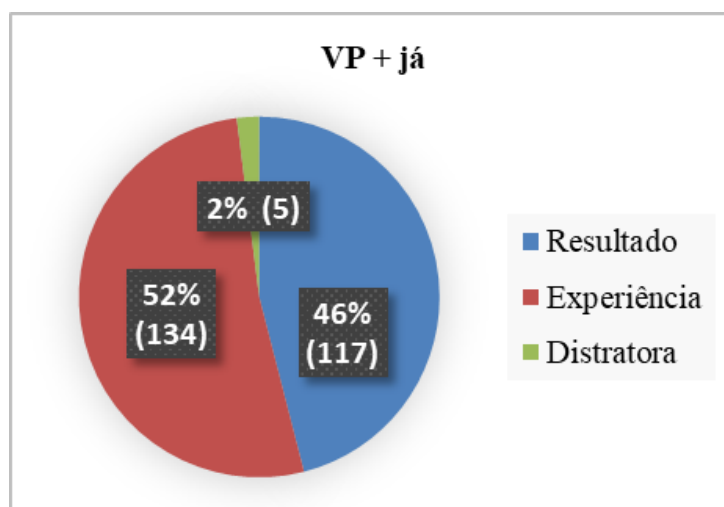


Gráfico 4: Resultados gerais do ordenamento VP + “já” na lista B.



Também empreendemos uma análise mais detalhada dos resultados da lista B, tomando como foco as leituras aspectuais emergidas em cada sentença separadamente. O quadro 4 sistematiza as análises das sentenças com o ordenamento advérbio “já” + VP.

Sentenças com o ordenamento “já” + VP	Marcação da leitura de resultatividade	Marcação da leitura de experiência	Marcação da leitura distratora
João já construiu a casa.	26 (42%)	36 (58%)	∅
Ana já fez a comida.	43 (66%)	19 (29%)	3 (5%)
Thiago já escalou uma montanha.	11 (18%)	49 (82%)	∅
Laura já vendeu um carro.	17 (25%)	46 (69%)	4 (6%)

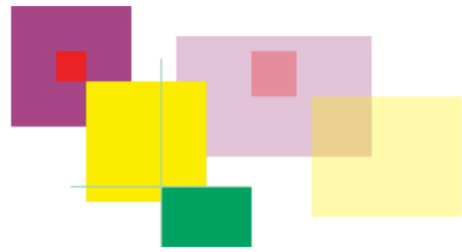
Quadro 4: Análise das sentenças com o ordenamento advérbio “já” + VP na lista B

Ainda em uma análise detalhada dos resultados da lista B, verificamos o desempenho dos participantes em cada uma das sentenças com o ordenamento VP + advérbio “já”. O quadro 5 a seguir apresenta tal sistematização.

Sentenças com o ordenamento VP + “já”	Marcação da leitura de resultatividade	Marcação da leitura de experiência	Marcação da leitura distratora
Maria passou a roupa já.	32 (52%)	29 (48%)	∅
Pedro pagou a conta já.	39 (63%)	22 (35%)	1 (2%)
José escreveu um artigo já.	22 (33%)	43 (65%)	1 (2%)
Mariana bordou uma camisa já.	24 (36%)	40 (60%)	3 (4%)

Quadro 3: Análise das sentenças com o ordenamento VP + advérbio “já” na lista B.

Na próxima seção, são apresentadas as discussões feitas a partir dos dados obtidos neste trabalho.



4. Discussão

Os resultados descritos na seção anterior revelam que, nos dois ordenamentos possíveis, ou seja, VP + advérbio “já” e advérbio “já” + VP, as leituras tanto de resultatividade quanto de experiência foram veiculadas. Devido a isso, foi refutada a hipótese (i) deste estudo, segundo a qual o ordenamento VP + advérbio “já” no PB faz emergir exclusivamente a leitura de PRes. Contudo, não foi refutada a hipótese (ii) deste estudo, segundo a qual o ordenamento advérbio “já” + VP no PB faz emergir as leituras de PRes e PEx.

Nessa direção, defendemos que a posição relativa de já parece não influenciar nos valores de *perfect*, resultativo ou experiencial, que emergem na sentença, uma vez que, nos resultados obtidos na lista A e na lista B, o VP aparece tanto à direita quanto à esquerda do advérbio com ambas as leituras investigadas.

Por outro lado, a análise individual das sentenças indica um outro fator que parece colaborar na diferenciação entre as leituras de resultatividade e experiência. Independentemente do ordenamento do VP em relação ao advérbio, nas sentenças “Ana já fez a comida”, “Maria passou a roupa já” e “Pedro pagou a conta já”, observou-se uma prevalência da marcação de leitura de resultado, enquanto nas sentenças “Thiago já escalou uma montanha”, “Laura já vendeu um carro”, “José escreveu um artigo já” e “Mariana bordou uma camisa já”, observou-se a prevalência da marcação de leitura de experiência.

Como se pode observar, nas primeiras sentenças, os DPs complementos de verbo são introduzidos por determinantes definidos enquanto, no caso das outras sentenças, os DPs são introduzidos por determinantes indefinidos. Dessa forma, parece plausível argumentar que o emprego do determinante definido parece contribuir para a leitura de resultatividade e o emprego do determinante indefinido, para a leitura de experiência¹².

¹² Quanto à sentença “João já construiu a casa”, acreditamos que a prevalência da leitura de experiência na lista B seja decorrente da possibilidade de marcar todas as leituras possíveis. Assim, é possível que o participante tenha realizado uma interpretação forçada da sentença para torná-la possível. Além disso, acreditamos que o tipo de situação retratada também possa ter influenciado a prevalência da leitura de experiência. Como a sentença não descreve situações rotineiras, é razoável que a interpretação dada à sentença seja de uma experiência única retratada. Em estudos posteriores, buscaremos realizar um pré-teste para avaliar o quão frequente determinadas situações são interpretadas a fim de utilizarmos apenas situações avaliadas nesse pré-teste de maneira análoga.



Pancheva (2003) argumenta que eventos atélicos podem expressar apenas o valor experiencial, enquanto eventos télicos podem expressar tanto o valor resultativo quanto o experiencial. Assim, questionamo-nos qual seria o fator que diferencia a leitura desses valores aspectuais em eventos télicos. Destaca-se que os resultados deste estudo contribuíram para responder tal pergunta de pesquisa.

Os dados encontrados nesta pesquisa parecem ir na direção de que o principal fator sintático-semântico que diferencia a interpretação de resultativo e experiencial no PB em sentenças télicas é a definitude, uma vez que as leituras de resultatividade e experiência parecem ser influenciadas pelo determinante do DP complemento do verbo.

A partir do exposto, a definitude do determinante do DP complemento do verbo parece salientar que as leituras aspectuais nas sentenças não são veiculadas exclusivamente pelo verbo e advérbio/expressão adverbial, mas constroem-se composicionalmente. Em outras palavras, os valores aspectuais de PRes e PEx emergem da interação entre os elementos presentes na constelação verbal como um todo e não apenas pelo verbo com dada morfologia aliado ao advérbio.

5. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo contribuir para a identificação dos valores de PE em sentenças do PB. Para tanto, buscou-se verificar as leituras de PE associado ao presente, PRes ou PEx, que emergem a partir do ordenamento de VPs em relação ao advérbio “já” no PB. Foram testadas as seguintes hipóteses: (i) o ordenamento VP + advérbio “já” no PB faz emergir exclusivamente a leitura de PRes e (ii) o ordenamento advérbio “já” + VP no PB faz emergir as leituras de PRes e PEx. Para tanto, aplicou-se um teste de leitura a falantes nativos do PB. Os resultados do teste revelaram que, independentemente da posição do VP em relação ao advérbio “já”, ambas as leituras, de resultatividade e de experiência, emergiram. A partir disso, apenas a hipótese (i) foi refutada.

Discutiu-se que a leitura aspectual de PRes ou PEx depreendida na sentença parece ser definida não pela ordem do VP em relação ao advérbio “já”, mas pelo grau de definitude do determinante presente no DP complemento do verbo, tendo em vista que determinantes definidos parecem contribuir para a leitura de resultatividade, enquanto determinantes indefinidos, para a leitura de experiência. Nesse sentido, destaca-se que esta pesquisa



contribuiu para a definição de uma ferramenta sintático-semântica que possibilita identificar, pelo menos no PB, os dois tipos de PE, que vai além de uma análise apenas semântica, como aquela defendida por Pancheva (2003): a definitude do determinante presente no DP complemento do verbo.

Destaca-se, ainda, que este estudo ressalta o papel da composicionalidade aspectual na veiculação dos valores associados ao *perfect* existencial. Em outras palavras, defende-se que tais valores são determinados a partir da interação entre diferentes componentes da constelação verbal, tais como verbo, advérbio e DP complemento do verbo.

Como passos futuros, pretende-se investigar a diferença entre as leituras de resultatividade e experiência em sentenças télicas com complementos cujos DPs sejam introduzidos por outros determinantes, tais como os quantificadores “vários” e “todos”; examinar se essas leituras podem ser resultantes do emprego de diferentes tipos de verbo; e investigar a codificação da diferença entre essas leituras em outras línguas, como no inglês e no espanhol.

Referências

- CINQUE, G. **Adverbs and functional heads**: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.
- COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge, MA: Cambridge University Press (1976).
- GOMES, J.; MARTINS, A.; RODRIGUES, F. The linguistic impairment of the perfect aspect in Alzheimer’s disease and logopenic primary progressive aphasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. 01-22, 2021.
- IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHER, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter (2003) p. 153-205.
- MARTINS, A; RODRIGUES, N; ABREU, G. Perfect universal no português do Brasil: restrições sintático-semânticas para o uso de morfologias verbais. **Confluência**, n. 61, p. 157-184, 2021.
- MATOS, A. **O aspecto perfect no português do brasil**: uma análise do tipo existencial. 2017. 30f. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (2017).
- MCCAWLEY, J. Notes on the English Present Perfect. **Australian Journal of Linguistics**, v. 1. p. 81-90 (1981).



NESPOLI, J. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas**: um estudo comparativo. 2018. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (2018).

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter (2003). p. 277-308.

REBOUÇAS, E. **A realização morfossintática do aspecto perfect por falantes bilíngues de espanhol e inglês de Porto Rico**. 2021. 274 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (2021).

RODRIGUES, N.; MARTINS, A. Evidências advindas da aquisição do português do Brasil para os tipos de perfect. **Revista Linguística**, v. 15, n. 3, p.161-184, 2019.

SANT'ANNA, A.; MARTINS, A.; GOMES, J. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise a partir de advérbios do português brasileiro. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 5, n. 1, p. 84-95, 2019.

SILVA, G. **Word order in Brazilian Portuguese**. Berlin: Mouton de Gruyter (2001) p. 133.

SMITH, C. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers (1991).

TESCARI NETO, A. **On verb movement in Brazilian Portuguese**: a cartographic study. Tesi (Dottorato di Ricerca in Scienze del Linguaggio), Università Ca' Foscari, 2013.